

humanitas

Vol. I

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLUME I

PUBLICAÇÃO SUBSIDIADA PELO «FUNDO
SÁ PINTO» (UNIVERSIDADE DE COIMBRA)

COIMBRA // MCMXLVII

Nota sobre a charrua romana

No primeiro livro das *Geórgicas*, Virgílio refere-se à charrua nos versos seguintes (169-174):

Continuo in siluis magna ui flexa domatur
in burim et curui formam accipit ulmus aratri.
Huic ab stirpe pedes temo protentus in octo,
binae aures, duplici aptantur dentalia dorso;
caeditur et tilia ante iugo leuis altaque fagus
stiuaque, quae currus a tergo torqueat imos...

A ideia que se faz da charrua romana funda-se em pouco mais do que conjecturas.

As peças componentes da charrua que Virgílio enumera são: 1) o *buris*; 2) o *temo*; 3) os *dentalia*; 4) as *aures*; 5) o *uomis*; 6) a *stiuua*; 7) o *iugum*.

Julgamos que o *buris* seria uma só peça, correspondente a várias peças da charrua moderna, as mais importantes das quais são o *ateiró* e o *rasto*. A este conjunto damos, à falta de melhor termo, a designação de *corpo* da charrua, e estamos convencidos de que os Romanos lhe atribuíam, por vezes, o nome de *aratrum*, por ser a parte essencial da máquina: tudo o mais eram acessórios. Hesíodo refere-se a uma charrua que consistia apenas na peça a que aludimos, denominando-a *αυτόγνον* αροτρον, em contraste com a charrua formada por diversas peças, *πηκτόν* άροτρό.

Da robustez do *buris* dependia a solidez e a duração da charrua, e por isso Virgílio recomenda que se escolha *ainda na mata* a árvore que o há-de constituir: assim se poderá apreciar com segurança se a madeira é sã e se reúne as necessárias qualidades de resistência. Desta mesma forma

procediam os antigos construtores navais, quando se tratava de mastros para um navio: as árvores de que eles viriam a ser feitos escolhiam-se *de pé*. Para tomar a forma conveniente, a árvore (um ulmeiro, especifica o Poeta) era obrigada a vergar: não ficaria, pois, havendo, no corpo da charrua, ligações que comprometessem a rigidez indispensável a uma peça *nlestra*, que servia de suporte á todas as restantes.

Acerca do *temo*, não se apresentam dúvidas. Era decerto o *apo*, ou antes, o *temão*; nem outra coisa podia ser uma peça com oito pés de comprimento. Sobre o modo de ligar o temão ao corpo é que faltam pormenores.

Os dois *dentalia* adaptavam-se, presumivelmente, à parte inferior do *buris* correspondente ao rasto, talvez por meio de samblagens, e convergiam para a frente; nos extremos uniam-se, e aí se applicava o *uomis*, isto é, a *relha* ou *dente*. Certamente era do facto de suportarem o *dens* que os *dentalia* derivavam o nome.

Era ainda no *buris* que se implantavam as duas aivecas (*atures*).

A *stiua*, para a qual convinha a madeira de faia, ligava-se ao extremo posterior do *buris*, e corresponde à *rabiça*; o *iugum*, feito de tília, é o *jugo* ou *canga*, que hoje não é costume incluir entre as peças da charrua e se agrupa com o resto da apeiragem.

Em 1,174, a charrua é designada por *currus*. Esta palavra, associada ao adjectivo *imos*, tem sido objecto de preocupações para os comentadores. Page admite que a charrua em andamento devia dar ideia de um carro, mas declara, inesperadamente, que o contexto exclui a hipótese de que ela tenha sido munida de rodas. Não vemos em que se estriba esta opinião, e é-nos difícil aceitar que se compare a um carro, cuja parte mais característica são as rodas, uma máquina que as não possua. Por outro lado, afigura-se-nos que o conjunto de peças que compunham a charrua romana devia atingir peso considerável (*graue robur aratri*, 1, 162). Bastará notar que, segundo Plínio, xviii, 18 (47), na Itália a charrua era por vezes puxada por quatro juntas de bois: «*cum multifariam in Italia octoni boues ad singulos uomeres anhelent.* » Não era ela, pois, comparável ao ligeiro arado que ainda hoje se usa em alguns recantos do Alentejo, de Trás-os-Montes e da Beira

Baixa para armar o terreno em *margio*; antes devia aproximar-se, pelas suas dimensões e peso, do *labrego*, da *charrua do Ribatejo*, ou dacharrua escocesa do século xviii, que Walter Scott chama «a heavy cart-load of timber» e que Trevelyan descreve nestes termos: «In Scotland. . . the enormous ploughs of primitive design were all of wood except the share and coulter, and were usually made by the farmers themselves...» E, pois, natural inferir que a charrua romana não seria fácil de manobrar, se não estivesse munida de um rodado, por primitivo que este fosse. Presumimos que se assemelhasse à *croca*, acessório que se adaptava ao temão do labrego e lhe servia de apoio rolante, permitindo o governo do toscó instrumento e a regulação da profundidade da lavoura.

Parece-nos que algumas das dúvidas que o passo virgiliano suscita se esclarecem, se o cotejarmos com a descrição que Hesíodo faz do processo de construção da charrua, um dos trechos mais notáveis dos *Trabalhos e Dias* (v. 424 e segs.).

Depois de recomendar que se abatam no Inverno as árvores que hão-de dar a madeira, Hesíodo determina que se corte uma peça de sete pés de comprimento (αξονα !5' έπταπόόην). A tradução que habitualmente se encontra para άξων é *eixo*, significado, neste caso, difícil de admitir. Trata-se certamente do ίστοβοεύς, do temão, para o qual Virgílio fixa oito pés de comprido, pouco mais do que o que aponta o poeta grego. Manda depois cortar pinas (αψιν), notando que facilmente se encontrarão peças curvas apropriadas para esse efeito. A frase τρισπίθχιμον ά'αψιν τάμνειν δεχαδώρω άμάξη (v 4'ι6), tal como a interpretam os tradutores (v. g., Mazon : «une roue de trois empan pour un chariot de dix palmes»), é incompreensível; mas talvez seja possível descortinar o seu sentido. Segundo Chassang, a σπιθαμή (*empan*) era uma medida de comprimento, equivalente ao espaço compreendido entre os extremos dos dedos polegar e mínimo de uma mão aberta, ou seja o que nós chamamos o palmo, que se considera ordinariamente igual a 21 centímetros; ainda segundo Chassang, o άωρον era uma medida de comprimento equivalente a 8 centímetros. Supondo que uma roda tinha quatro pinas (o que é quase certo, porque as pinas são, em geral, ou 4 ou 8, como é lógico), a sua circunferência medi'

ria $4 \times 3 \times 0,21 = 2,52$ metros; a esta circunferência cor-

responde o diâmetro de $\frac{2,52}{3,14} = 0,80$ metros, isto é, dez vezes

o τόπcv. E, assim, persuadimo-nos de que a frase de Hesíodo acima referida signifique: «Se queres fazer rodas de 80 centímetros de diâmetro, talha as pinas com 63 centímetros de comprimento cada uma», o que constitui uma indicação prática e de evidente utilidade.

Hesíodo prescreve depois que se procure com cuidado, na montanha ou na planície, uma boa azinheira, que dará a peça (*γνης*) em que se hão-de emecar o dental (*ελυμα*) e o apo (*ιστοβοεύς*). Entendemos que esta peça, essencial para a resistência da charrua, como Hesíodo assinala, corresponde ao que os Romanos chamavam *buris*. Para o dental e para o apo, as madeiras apropriadas eram, respectivamente, o carvalho e o loureiro ou o ulmo.

Depois de várias indicações relativas aos bois que hão-de puxar a charrua e ao homem que a há-de guiar, Hesíodo acentua a necessidade de começar a lavoura de sementeira logo que se ouve o grito do grou, «grito que morde o coração do lavrador desprevenido a quem faltam bois», nessa época de apertos. E então de balde ele irá pedir ao vizinho: *Βόε βός και αμαξαν*, «dá-me os teus bois e o teu carro». Carro, dizem quase todos os anotadores (deve exceptuar-se, pelo menos, Piovano), porque aqui reaparece o vocábulo *αμαξα* (*άμαξα* em ático).

Os eruditos não reparam, ao que parece, no facto estranho de se pedir um *carro* para se fazer a lavoura de sementeira, quando o utensílio apropriado para tal fim é... uma *charrua*. Pela nossa parte, convencemo-nos de que o termo *αμαξα* pode ser usado no sentido de *ά'ροτρον*, como *currus* no sentido de *aratrum*, e isto por se tratar, em ambos os casos, de uma charrua munida de rodas. A charrua grega, como a romana, estava longe de ser o aparelho simples que muitos, supõem, guiando-se pelo aspecto esquemático e porventura convencional dos arados representados em medalhas e baixos-relevos ; a nosso ver, era muito complicada (o que constitui sinal de atraso), tanto assim quê Hesíodo diz: *εκατόν βέ τε βόρατ άμάξης, / των πρόσθεν μελέτην έχέμεν οίκηια θέσθαι* (vv. 456-457)? frase que, em

nosso entender, se verte para: «*Há cem peças numa charrua, e é preciso, com antecipação, ter o cuidado de as unir em casa.*» Ora reparemos em que nas *Geórgicas*, 1, 167, conforme têm notado vários comentadores, se traduz quase à letra essa frase : *ante* (των πρσθεν), *prouisa* (μελέτην), *repones* (θέσθ^ι). E não pode duvidar-se de que o poeta latino se refere a uma charrúa, e não a um carro.

Tem certo interesse registrar que no Norte de Portugal se chama *lavrador* ao proprietário de um carro cujo trabalho se aluga para carretos, em vez de se lhe dar a designação mais adequada de *carreiro*. Por aqui se vê como é fácil a associação αμαξα-άρτοον, ou *currus-aratrum*.

RUY MAYER